

Valéria Feitoza e
Carolina Nogueira
Da equipe do 'Correio'

Ciep, Ciac, Caic. Três siglas para uma mesma filosofia. Três oportunidades desperdiçadas de garantir educação integral para crianças de baixa renda. Pouco mais de dez anos depois do início da ambiciosa empreitada iniciada no governo de Fernando Collor, o projeto virou sucata. Dos 444 Caics inaugurados em todo o país, raros são os que ainda mantêm o espírito do programa. Na maioria dos estados e municípios, transformaram-se em escolas convencionais e foram abandonados à mercê do tempo.

Em todo o país, a iniciativa deixou críticas e saudades. É o caso do professor Valdir de Castro Silva, 28 anos, que guarda duas mil fotos e dezenas de depoimentos reunidos em um álbum com a história de um programa que nunca foi executado como deveria. É a memória do único Centro de Atenção Integral à Criança (Caic) do Distrito Federal que esteve perto de concretizar uma filosofia há 20 anos discutida por educadores brasileiros.

Aos 17 anos, em 1991, Valdir vivenciou a experiência de freqüentar o Caic Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus, no Paranoá, o primeiro a ser implantado no governo Collor, em outubro de 1991.

O Caic Madre Paulina ilustra a história do programa. Além de atender a 680 alunos do ensino fundamental, colocava uma ampla estrutura à disposição da comunidade escolar — alunos e parentes. A escola oferecia alimentação, atendimento médico e odontológico, esportes, cultura, oficinas e outros serviços.

Valdir, por exemplo, não estudava no Caic, mas, como seu irmão era aluno da escola, ele tinha direito de participar dos projetos. Assim, três vezes por semana, Valdir treinava vôlei no ginásio do Caic. Desfrutava de todas as instalações, da alimentação ao atendimento médico. A experiência, no entanto, durou pouco. Em três anos, ele assistiu ao abandono gradativo da menina dos olhos do governo federal. Sofreu com a extinção das oficinas, projetos sociais e serviços prestados no Caic.

Aprovado em um concurso da Fundação Educacional, logo depois de concluir o ensino médio, ele fez questão de trabalhar no Caic do Paranoá, onde está até hoje. Dá aulas para o ensino fundamental e desenvolve um trabalho voluntário, fora do currículo escolar, de treinamento esportivo inspirado no que vivenciou há dez anos.

A situação dos outros 13 Caics construídos no DF é ainda mais lamentável. Neles, além da ação do tempo sobre a parte física, a proposta pedagógica jamais foi tão bem executada como no projeto-piloto do Paranoá.

Entre professores e alunos que participaram do projeto em outros Caics, o que se vê é muito mais alívio do que saudade pelo fim do projeto de educação integral. "Onde não havia o foco dos holofotes, faltava tudo", lembra a professora Rosane Oliveira, que trabalhou no Caic Unesco, em São Sebastião.

SEM ESPAÇO
A partir de 1995, sob os cuidados da Secretaria de Educação, os amplos espaços dos prédios acabaram ociosos. Aos poucos, as escolas ganharam "inquilinos" que oferecem pouco aos alunos e ainda trazem problemas.

As salas de atendimento médico e odontológico, por exemplo, foram revertidas para o programa Saúde da Família (PSF), da Secretaria de Saúde. Viraram espécies de sucursais dos postos de saúde. O serviço oferecido aos alunos — quando ocorre — é apenas emergencial.

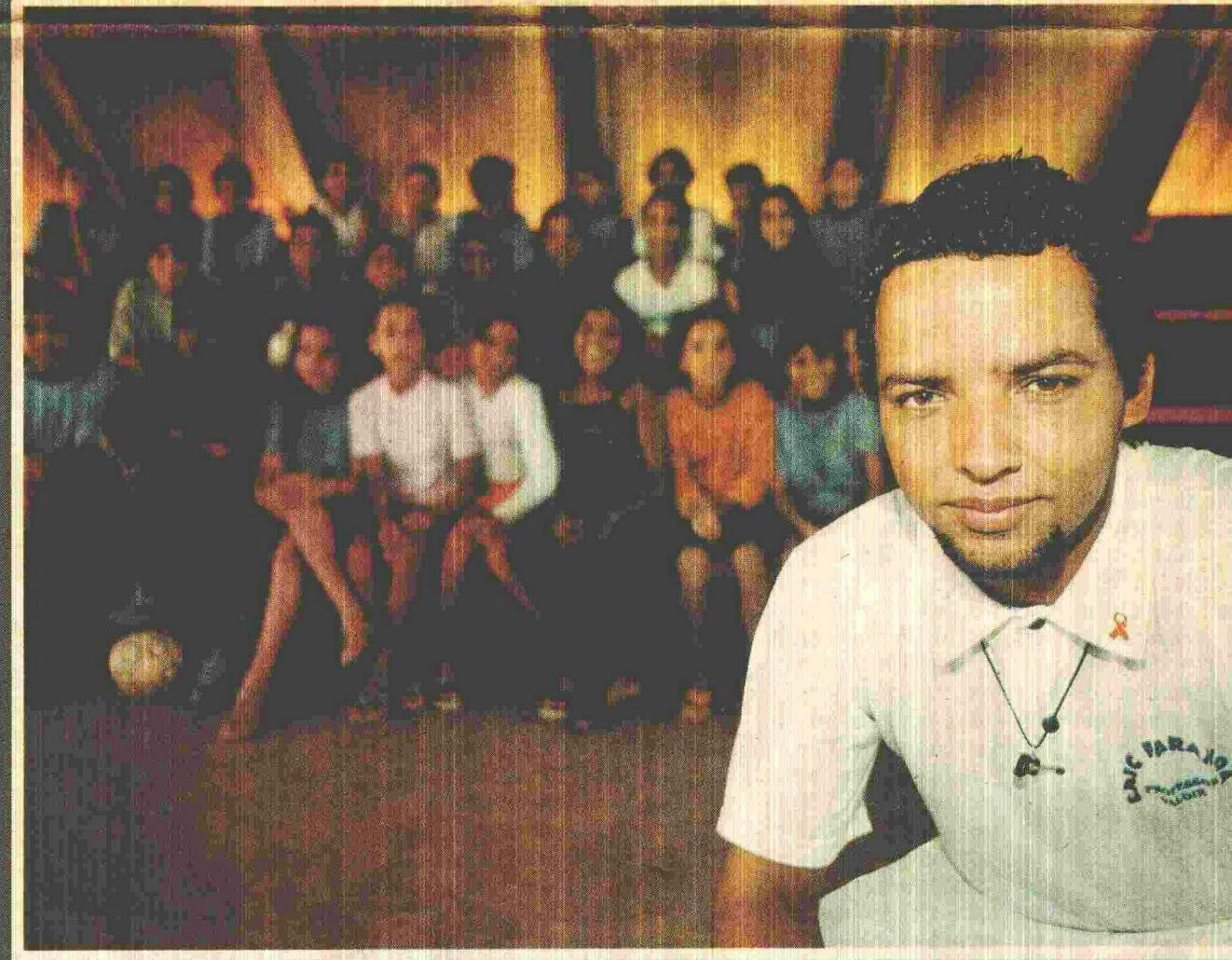
Mais incômodos do que o PSF são as Gerências Regionais de

Pouco mais de dez anos depois da implantação do primeiro Centro de Atenção Integral à Criança (Caic) do país, no Paranoá, o que era para ser uma rede de 5 mil estabelecimentos de ensino e assistência se limitou a 444 escolas como outras qualquer



EXEMPLOS DO QUE ACONTECEU COM OS CAICS: EM BRAZLÂNDIA (E), UMA HORTA COMUNITÁRIA FOI FEITA A PARTIR DE INICIATIVA DOS PROFESSORES, SEM APOIO OFICIAL. EM SOBRADINHO (D), ALUNOS CONVIVEM COM FALTA DE MANUTENÇÃO DOS PRÉDIOS

Uma idéia abandonada



VALDIR: EX-ALUNO DO CAIC DO PARANOÁ, VIROU PROFESSOR E DESENVOLVE PROJETO EXTRACURRICULAR POR CONTA PRÓPRIA

Ensino (GRE). Instaladas em três Caics, elas obrigam as escolas a deixar os portões abertos durante todo o dia, expondo-as à insegurança. Como muitos Caics não têm porteiros, a circulação de pessoas estranhas entre os alunos é comum.

Com o espaço reduzido, cada cubículo disponível transformou-se em sala de aula. Para atender mais alunos, o turno integral foi substituído pelo sistema de dois ou até três turnos.

"É uma pena porque o ensino integral era a única chance para nós, alunos carentes. O reforço que eu tinha na parte da tarde me ajudou a passar de ano em todas as séries que cursei no Caic", lembra o ex-aluno Paulo César, amigo de Valdir e ex-aluno do Caic do Paranoá. "Foi a única escola em que passei em todas as séries."

O governo Fernando Henrique mudou o foco de aborda-

SEM RETORNO

R\$ 900 MILHÕES

foram investidos nos Caics de outubro de 1991 a dezembro de 1994. A intenção original era de inaugurar

5 MIL

prédios até o final de 1994. Desses, apenas

444

foram construídos

gem da Educação e passou a investir na universalização do ensino fundamental. Esse é o espí-

rito que rege todo o ensino público, do qual os Caics também fazem parte", explica a diretora de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação, Solange Foizer Silva.

ESCOLAS COMUNS

Os Caics acabaram virando escolas-classes como quaisquer outras. Alunos, professores e comunidade não contam mais com projetos sociais, culturais, esportivos e profissionalizantes. Poucas escolas mantêm atividades extracurriculares (leia na página ao lado). Quando o fazem, contam apenas com o esforço dos professores.

É o caso, por exemplo, dos Caics de Brazlândia e Águas Claras, que mantêm hortas educativas. E do Caic Albert Sabin, em Santa Maria, com o projeto Bumba-Brasil-Meu-Boi, de teatro folclórico. Ne-

nhuma dessas iniciativas tem apoio da Secretaria de Educação. Nem na disponibilidade de pessoal extra e muito menos em recursos financeiros.

Enquanto isso, para bancar pequenos consertos cada escola faz o que pode. Vale de tudo: ajuda da comunidade, empréstimo de dependências da escola em troca de materiais, festas e eventos pagos. Três dos 14 Caics alugam parte de seus terrenos para a instalação de antenas de telefonia celular. Em troca, recebem de R\$ 800 a R\$ 1,5 mil.

O Caic Anísio Teixeira, em Ceilândia, conseguiu construir, em 1999, uma piscina com dinheiro arrecadado numa festa junina. O espaço é usado para aulas de natação de 250 alunos e hidroginástica para a comunidade. A taxa, cobrada a título de manutenção da piscina, é de R\$ 10 para alunos e R\$ 15 para pessoas de fora.

Prédios aos pedaços

Em todos os Caics do DF, há vazamentos espalhados pela rede hidráulica. A dilatação entre as placas de concreto provoca infiltrações crônicas. Nos dias de chuva, pátios e salas de aula alagam. "Acontece em todo o país. O projeto arquitetônico prevê a impermeabilização anual das estruturas e isso nunca foi levado a sério pelos governos estaduais e municipais", explica o coordenador da Secretaria Executiva do Ministério da Educação, Carlos Eduardo Mascarenhas.

Em vários Caics, os alunos dividem espaço com ratos, pombos, escorpiões e outros bichos, que vivem nas frestas das paredes e dutos de ventilação. Alguns prédios apresentam sérios problemas estruturais. Em Sobradinho, a caixa d'água está cedendo. Junto com ela, uma ala inteira do prédio afunda. "O piso da cozinha está inclinado e cheio de rachaduras", explica a diretora, Valdete Gomes. Em Ceilândia, o Caic Anísio Teixeira apresenta dilatação de até quatro centímetros entre as placas do teto do segundo andar.

As instalações elétricas também precisam de revisão geral. Em alguns Caics, alunos e professores ficam sujeitos a choques nos dias de chuva. Isso porque a estrutura das placas de pré-moldado é revestida com uma rede de sustentação metálica, condutora de energia. "Há dias em que a gente leva choque ao encostar o giz no quadro", revela uma professora do Caic Aíssis Chateaubriand, em Planaltina.

ARGAMASSA

Parte dos problemas estruturais dos prédios decorre da matéria-prima usada no projeto arquitetônico. O autor do projeto, o arquiteto João Filgueiras Lima, conhecido como Lelé, foi pioneiro no desenvolvimento da argamassa armada — matéria-prima usada nos blocos pré-moldados dos prédios, que hoje apresentam uma série de problemas por falta de manutenção. O mesmo arquiteto projetou os prédios dos Cieps, no Rio de Janeiro.

A argamassa armada é um tipo de estrutura que exige manutenção anual, com impermeabilização, limpeza de calhas, tratamento contra ferrugem nas esquadrias e revisões periódicas nas redes hidráulica e elétrica. Essa recomendação, entretanto, não foi seguida nem pelo governo federal e nem pelos estaduais e municipais, quando assumiram os Caics.

"Os Caics nunca foram reformados porque não havia no mercado nenhuma empresa que detivesse a técnica das placas de argamassa armada pré-moldada", explica a diretora de programação, controle e planejamento da Secretaria de Educação do DF, Maíra Gomes.

A Secretaria planeja realizar ainda este ano um convênio com a Novacap. Dez dos 14 Caics do DF estão na lista da reforma, que prevê a troca das placas de argamassa danificadas, revisão da cobertura acrílica dos ginásios, substituição das esquadrias, impermeabilização da estrutura e revisão da parte elétrica. Cada Caic receberá R\$ 1 milhão para tentar melhorar a situação.